

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ – CCCO
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

Izaldina Borba Biato

**MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE: OS CABELOS
CRESPOS/CACHEADOS DAS MULHERES AFRODESCENDENTES EM
PERSPECTIVA.**

CODÓ-MA
2026

Izaldina Borba Biato

**MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE: OS CABELOS
CRESPOS/CACHEADOS DAS MULHERES AFRODESCENDENTES EM
PERSPECTIVA.**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, Centro de Ciências de Codó, Universidade Federal do Maranhão – CCCO/UFMA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jascira da Silva Lima

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Borba Biato, Izaldina.
MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE : OS CABELOS
CRESPOS/CACHEADOS DAS MULHERES AFRODESCENDENTES EM
PERSPECTIVA / Izaldina Borba Biato. - 2026.
19 f.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.
Curso de Ciências Humanas - História, Universidade
Federal do Maranhão, Univerdade Federal do Maranhão, Codó-
ma, 2026.

1. Mulheres Afrodescendentes. 2. Indentidade. 3.
Cabelos Crespos/cacheados. I. da Silva Lima, Jascira. II.
Título.

Izaldina Borba Biato

**MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE: OS CABELOS
CRESPOS/CACHEADOS DAS MULHERES AFRODESCENDENTES EM
PERSPECTIVA.**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História, Centro de Ciências de Codó, Universidade Federal do Maranhão – CCCO/UFMA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jascira da Silva Lima

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jascira da Silva Lima (Orientadora)

Profa. Esp. Tássia Janine do Nascimento Pinto

Especialista em História e Cultura Afro-brasileira, pela Faculdade de Minas Gerais –
FACUMINAS, 2024

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica –
PPEEB/CCCO/UFMA

Prof^a. M^a. Soraia Lima Ribeiro de Sousa
Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE/CCSO/UFMA,
2022

**MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE: OS CABELOS
CRESPOS/CACHEADOS DAS MULHERES AFRODESCENDENTES EM
PERSPECTIVA.**

**MY HAIR, MY IDENTITY: THE CURLY/KINKY HAIR OF AFRO-
DESCENDANT WOMEN IN PERSPECTIVE.**

**MI CABELLO, MI IDENTIDAD: EL CABELLO RIZADO/ARUDO DE LAS
MUJERES AFRODESCENDIENTES EN PERSPECTIVA.**

Izaldina Borba Biato

Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História

Pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA

izaldinaborba377@gmail.com /ORCID <https://orcid.org/0009-0007-5156-0154>

Jascira da Silva Lima

Doutora em Ciências Sociais/Sociologia pelo PPGCSoc/UFMA

Profa. Adjunta da Universidade Federal do Maranhão.

jascira.lima@ufma.br / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2980-5940>

Resumo: O presente estudo promove reflexões acerca dos cabelos crespos e cacheados como característica identitária de mulheres negras afrodescendentes. No percurso desvela-se algumas indagações como: “Como é construída a identidade de mulheres afrodescendentes a partir de seus cabelos crespos/cacheados?” Para refletir sobre tais questionamentos, estabelecemos como objetivo principal analisar a construção da identidade de mulheres afrodescendentes a partir de seus cabelos crespos/cacheados. Utilizamos como metodologia o levantamento e análise bibliográfica de artigos, livros e sites. Fizemos destaque em algumas produções artísticas como a música e cinema, onde revelam-se questões sobre o tema do cabelo afro. Os recursos que utilizamos passam por diferentes estudos de renomados autores/as como: Nascimento (2004, 2016), Quintão (2013), Moutinho (2013), Coutinho (2011), Carvalho (2015) e Gomes (2008); assim como navegamos por sites, a exemplo do Geledés, que trabalham com questões étnico raciais e de gênero. Analisando e refletindo a partir desse material foi possível compreender que o cabelo das mulheres afrodescendentes, promove encontros identitários com elas mesmas, portanto, o cabelo aqui retratado tem como função afirmar e incentivar o empoderamento das mulheres afrodescendentes.

Palavras-chave: Mulheres Afrodescendentes. Identidade. Cabelos crespos/cacheados.

Abstract: This study promotes reflections on curly and kinky hair as an identity characteristic of Afro-descendant Black women. Along the way, it raises questions such as: "How is the identity of Afro-descendant women constructed from their curly/kinky hair?" To reflect on these questions, we established as our main objective to analyze the construction of the identity of Afro-descendant women based on their curly/kinky hair. Our methodology involved a bibliographic survey and analysis of articles, books, and websites. We highlighted artistic productions such as music and film,

which reveal issues related to the theme of Afro hair. The resources we used include different studies by renowned authors such as: Nascimento (2004, 2016), Quintão (2013), Moutinho (2013), Coutinho (2011), Carvalho (2015), and Gomes (2008). Just as we browse websites, such as Geledés, that deal with ethnic, racial, and gender issues, analyzing and reflecting on this material made it possible to understand that the hair of Afro-descendant women promotes identity encounters with themselves. Therefore, the hair portrayed here has the function of affirming and encouraging the empowerment of Afro-descendant women.

Keywords: Afro-descendant women. Identity. Curly/kinky hair.

Resumen: Este estudio promueve reflexiones sobre el cabello rizado y crespo como característica identitária de las mujeres negras afrodescendientes. A lo largo del camino, plantea preguntas como: "¿Cómo se construye la identidad de las mujeres afrodescendientes a partir de su cabello rizado/crespo?". Para reflexionar sobre estas preguntas, nos propusimos como objetivo principal analizar la construcción de la identidad de las mujeres afrodescendientes a partir de su cabello rizado/crespo. Nuestra metodología implicó una revisión bibliográfica y el análisis de artículos, libros y sitios web. Destacamos producciones artísticas, como la música y el cine, que revelan cuestiones relacionadas con el tema del cabello afro. Los recursos utilizados incluyen diferentes estudios de autores de renombre como: Nascimento (2004, 2016), Quintão (2013), Moutinho (2013), Coutinho (2011), Carvalho (2015) y Gomes (2008). Al igual que navegamos por sitios web, como Geledés, que abordan cuestiones étnicas, raciales y de género, analizar y reflexionar sobre este material nos permitió comprender que el cabello de las mujeres afrodescendientes promueve el encuentro con su identidad. Por lo tanto, el cabello aquí retratado sirve para afirmar y fomentar el empoderamiento de las mujeres afrodescendientes.

Palabras-clave: Mujeres afrodescendientes. Identidad. Cabello rizado/ensortijado.

INTRODUÇÃO

Como ponto de partida, é oportuno mencionar que o cabelo da mulher afrodescendente vem sendo historicamente categorizado como inadequado desde períodos anteriores ao século XIX, especialmente a partir do processo de colonização e escravização nos quais padrões estéticos eurocêntricos foram impostos como referenciais de beleza e civilidade. Nesse contexto, o movimento negro especialmente nos Estados Unidos, próximo ao fim da escravização constituiu formas de resistência social, econômica, estética e identitária, afirmando e valorizando características negras diante de uma sociedade estruturada por valores eurocêntricos.

Nesse sentido, estudos sobre corpo, estética e identidade negra apontam que a valorização do cabelo liso em detrimento do crespo ou cacheado está associada à imposição histórica de padrões eurocêntricos de beleza, vinculados ao racismo estrutural e aos ideais de branqueamento social (GOMES, 2008; MUNANGA, 2004). Nesse contexto, o cabelo torna-se um marcador simbólico de identidade, cuja afirmação natural representa também uma forma de resistência cultural e política frente à desvalorização histórica dos traços negros.

Logo, o tema em estudo visa refletir sobre os cabelos crespos/cacheados como características identitárias de mulheres afrodescendentes. Em nossa percepção ao reiterar seus cabelos naturais estas mulheres rompem com a cultura do branqueamento caracterizado pelo alisamento do cabelo. Esta cultura impõe a países colonizados pela Europa, a exemplo do Brasil, um padrão de beleza para as mulheres que valoriza a cor da pele branca e cabelos lisos.

A complexa identidade do povo brasileiro se forma no longo processo de colonização, onde populações africanas foram obrigadas a vir para o Brasil, em um sistema escravocrata violento, orquestrado pelos países europeus, a exemplo de Portugal. Some-se aos povos africanos escravizados e europeus os povos originários, que já habitavam a Terra de Santa Cruz, assim estabelecer padrão de beleza para as mulheres brasileiras requer considerar o processo de formação do povo brasileiro.

A partir dos anos 1930, as elites políticas e intelectuais brasileiras começaram a investir em um imaginário nacionalista calcado no elogio à mestiçagem. Embora essa concepção de brasilidade tenha sofrido contestações intelectuais e políticas de intensidade variável desde então, ela contribuiu muito para minar os projetos de criação de políticas específicas para a população negra do país. A formulação canônica desse imaginário nacional, que leva o nome de “democracia racial”, é frequentemente atribuída a *Casa-grande & senzala*, livro seminal de Gilberto Freyre (2003). Mais do que radicalmente original, Freyre parece ter capturado o empenho de ressignificação da miscigenação que já engajava parte das elites e intelectuais brasileiros, contra as teorias do determinismo racial e do eugenismo, até então hegemônicas. (FERES JÚNIOR et al., 2018; MUNANGA, 2009)

Nesta perspectiva, elencamos alguns questionamentos, tais como: por que o cabelo destas mulheres é visto como ruim? Por que a sociedade exige que as mulheres afrodescendentes modifiquem o cabelo? Como os cabelos crespos aparecem nos meios de comunicação, e o que comunicam sobre essas mulheres?

Para responder tais indagações destacamos argumentações que apresentam as mulheres afrodescendente como sujeitos que perseguem o reconhecimento de suas identidades presente no tipo de cabelo, seja ele crespo, cacheado ou não. Assim, embasam nossa discussão autoras/es como: Nascimento (2004, 2016), Quintão (2013), Moutinho (2013), Coutinho (2011), Carvalho (2015) e Gomes (2008); entre outros, e sites que muito contribuem para o debate sobre o tema.

A relevância do estudo consiste em contribuir para reflexões e entendimentos de que as características peculiares a identidade da mulher afrodescendente, são objeto de autoafirmação para elas.

Dessa forma, a estrutura sistematizada do texto segue o seguinte padrão: primeiro, as considerações iniciais, nesse momento aborda-se o objeto de estudo, a fim de responder à problemática em questão, postulando elementos que envolvam o desvelamento do tema. Já na segunda seção, estabelecemos o percurso metodológico, expondo as epistemologias que caracterizam o estudo, com enfoques descritivo, analítico, alinhada a pesquisa bibliográfica.

Na terceira seção intitulada: Nas ondas do meu cabelo permeia minha identidade, tem como finalidade, evidenciar a importância do cabelo na constituição da identidade pessoal, já que este elemento estético influencia o empoderamento feminino. Consequentemente na quarta seção, apresenta-se algumas considerações a respeito da visibilidade da mulher afrodescendente através da autoafirmação de seus cabelos como promotor de sua própria autonomia, sendo este, assunto muito discutido na contemporaneidade, pois, o cabelo afrodescendente ainda é categorizado como inferior ao liso. Consecutivamente, na quarta seção, expomos as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

Vale ressaltar que, para submergir no universo da referida temática, consideramos muitos dos elementos da história do Brasil que acumulamos de nossos processos formativos, somados a experiências de movimentos em favor da identidade afrobrasileira e que fazem uso da linguagem estética, além de nossas próprias experiências como pesquisadoras afrobrasileiras que enfrentam racismos estéticos e intelectuais na vida cotidiana e na universidade.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Compreende-se que todo e qualquer estudo segue um fluxo, na pretensão de sistematizar como deverá ser conduzido e estruturado o esboço analítico do mesmo. Assim, definir a metodologia significa dinamizar o alcance do objetivo proposto, através dos canais empregados, para que possam ser aproveitados de maneira apropriada e eficaz.

Dessa forma, quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica, elaborada por intermédio de revisão literária, sendo ainda, de caráter descritivo

analítico, fazendo uso de livros, artigos acadêmicos, revistas e com visitas a portais na internet relacionados ao tema.

A revisão de literatura consiste em um estudo planejado, que responde a uma pergunta específica e emprega métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os achados, diminuindo, portanto, o viés na seleção destes, permitindo sintetizar estudos sobre problemas relevantes de forma objetiva e reproduzível, por meio de método científico (GALVÃO; SAWADA; TREVISAN, 2004).

Por sua vez, Beuren (2010, p. 86-87), enfatiza sobre a pesquisa bibliográfica, quando diz que “objetiva recolher informações e conhecimentos prévios de um problema para o qual se procura resposta”, e ainda, “o material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo referencial já tornado público em relação ao tema de estudo”.

Já para Fonseca (2002, p. 32) a pesquisa bibliográfica é feita a partir de levantamentos de referências teóricas já analisados, e publicados por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites, permitindo ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Desta forma a seleção dos textos seguiu os critérios de busca pelas palavras-chave como mulheres afrobrasileiras, identidades e cabelo crespo, onde selecionamos aqueles que mais aproximaram-se do objetivo proposto no estudo.

Assim, prontamente realizamos a leitura analítica com a finalidade de ordenar as informações contidas nas fontes, de forma que esta possibilitou a obtenção de resposta concordante com os autores sobre o objeto em questão. As informações dos contribuintes (teóricos) foram selecionadas e dispostas em formato de texto descritivo, que são apresentados nas seções que seguem.

3. NAS ONDAS DO MEU CABELO PERMEIA MINHA IDENTIDADE

Estudos sobre o cabelo de mulheres afrodescendentes podem ser encontrados em vários trabalhos acadêmicos, como: artigos, dissertação, teses, livros entre outros. Logo, o intuito deste é fornecer subsídio argumentativo, pois, além de ser um assunto muito debatido, o que nos instiga é o fato do cabelo da mulher afrodescendente ainda ser categorizado como inferior ao liso.

A dissertação de Adriana Maria Pena Quintão (2013), “O que ela tem na cabeça”? fornece análise historiográfica referente ao cabelo, afirmando representar a ancestralidade, status e pertencimento social. E essa identificação da ancestralidade teve por base estudos voltados a antropologia e antropometria do cabelo para a identificação de raças. Todavia, de maneira geral a comunidade científica, reconhece o ser humano como única raça, classificando os diferentes subgrupos como etnias.

Ao longo das leituras fomos constatando que as características do cabelo, juntamente com a cor dos olhos e da pele, foram tratadas como indicadores primário da identidade racial. Algumas das análises tinham o desígnio de associar características meramente negativa como cabelo “ruim” aquele que não é liso.

Segundo a revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), “Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência”, das autoras Cláudia Ferreira Alexandre Gomes e Laura Susana Duque Arrazola (2019), enfatizam que os comentários negativos sobre o cabelo crespo são frutos do processo de europeização do período colonial brasileiro, que legitimava o modelo ideal de beleza, como sendo o da mulher e do homem branco/a, colocando negras/os em um sistema de dominação que oprimia sua estética, tida como feia, fora dos padrões.

Portanto, a estética negra presente na sociedade brasileira tem sido alvo da ideologia do branqueamento racial, cujas principais características são a tentativa de aniquilamento, sem sucesso, da etnia e de destruição da identidade e cultura negra (NASCIMENTO, 2016).

Ponderando sobre esse processo, percebe-se que é através de um posicionamento positivo de si e do outro, que se confere real sentido para o existir, de se gostar, portanto, compete a compreensão do conceito de identidade para melhor entendimento do contexto. Assim, em pesquisa rápida no dicionário Aurélio (2009), encontramos os seguintes verbetes para a palavra “identidade”:

[Do lat. Tard. Identitate.] S. f. 1. Qualidade do idêntico. [...] 2. Conjuntos dos caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. 3. O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou reconhecido. [...] 4. Cédula de identidade. 5. Alg. Mod. Elemento identidade. 6. Filos. Qualidade do que é o mesmo. [...]

Deste modo, a palavra “identidade” é definida como algo exclusivo do indivíduo, que pode ser identificado por alguém e por si mesmo. Castells (1999, p. 22) por sua vez, afirma que, no que diz respeito a atores sociais, entende-se por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalece sobre outras fontes de significado”.

Já Silva (2000) problematiza conceitos que se limitam a explicar identidade como aquilo que cada um é. Assim, a identidade de um ser é mediada por sua contribuição para com a sociedade, de modo que o indivíduo exponha ações que oportunizem compromisso com aquilo que se dispõe a fazer.

Com vistas a valorização da identidade negra vários movimentos de valorização da estética do cabelo afro, foram impetrados em distintas comunidades negras, por exemplo: o movimento “Black is beautiful” que fortalecia os traços fenotípicos, inclusive o cabelo, e o “Black Power” que vislumbra os penteados afros fortalecendo a moda na década de 1960, marcadamente nos Estados Unidos da América.

No Brasil, vale mencionar o que Carvalho (2015) argumenta como reflexão sobre o conceito de nossa identidade.

O Brasil tem uma maioria populacional negra e que essa população está fora do padrão estético branco, cujo cabelo é liso, a pele é branca e a cor dos olhos é clara, não se encaixando no padrão de pessoa branca. Somos negros, somos mestiços, temos peles escuras e cabelos crespos e sua relação com reconhecimento pessoal, (Carvalho, 2015, p. 30).

Diferentes narrativas em torno da negritude brasileira partilham considerações amplamente aceitas principalmente em se tratando da questão capilar. Para Moutinho (2013), as narrativas sociais dominantes não são aceitas sem contestação, especialmente se considerarmos sujeitos desfavorecidos, como mulheres afrodescendentes, pois a questão da afirmação de seus cabelos impacta nas relações sociais que buscam estabelecer no interior da sociedade. Ao longo da história percebe-se que as mulheres vêm conquistando autonomia quanto ao critério de alisar o cabelo para ter acesso a determinados espaços sociais. O autor citado acima, revela o fenômeno racista em pensamentos que vão além da identidade, perpassando o racismo pela negação da existência das diferenças étnicas.

Durantes os encontros de orientação acadêmica, ao partilharmos as nossas próprias vivências, fomos compreendendo que nossos cabelos afrodescendentes configuram ameaça as pessoas em alguns dos espaços que habitamos. Isso ocorre por compelir as pessoas a reconhecerem a nossa existência como mulheres afrodescendentes que não aceitam modificar as características de nossos ancestrais negros/as, traduzidos em nossos corpos, pela estética do cabelo crespo/cacheado, visto que somos mulheres retintas, mas que possuem as características fenotípicas do cabelo crespo/cacheado e nariz arredondado. Ou seja, nossa estética corporal escapa ao padrão de beleza aceitável socialmente, segundo os padrões do branqueamento racial. Então, quando pessoas quaisquer invadem os nossos corpos para ajeitar o *frizz* de nossos cabelos elas estão assumindo o risco de ter uma reação de defesa que mobiliza atitude antirracista em nós.

Djamila Ribeiro (2019), sintetiza o sistema de opressão étnico racial operado na realidade brasileira no mito da democracia racial, como sendo o mais conhecido e nocivo deles. Para ela essa visão paralisa a prática antirracista, pois romantiza as violências sofridas pela população negra, ao escamotear a hierarquia racial com uma falsa ideia de harmonia racial. Corroborando com a autora,

nós não estamos dispostas a negociar nossa identidade ancestral em detrimento do falseamento da aceitação social, entendendo que a afirmação da identidade negra constitui um ato de resistência frente às estruturas históricas de opressão.

No artigo “Do black power ao cabelo crespo: A construção da identidade negra através do cabelo” da autora Nádia Regina Braga dos Santos, trata do movimento ocorrido nos Estados Unidos na década 1960, caracterizado como manifestação de resistência a imposição de alterar a estrutura do cabelo de mulheres negras. Uma exitosa experiência que defende a liberdade através do uso dos cabelos naturais e, não se sujeitando ao alisamento para adequar-se ao padrão europeu, que exigiam nos ambientes sociais mulheres negras com cabelos alinhados, ou seja, lisos. A tentativa era de adequá-las a uma sociedade que na verdade deveria adequar-se a elas. (SANTOS, 2015)

Coutinho (2011, p. 8), afirma:

Após as conquistas dos movimentos e manifestações que têm como objetivo a igualdade e luta contra o preconceito e discriminações raciais, verificamos a ampliação de um mercado direcionado aos afrodescendentes, que tem atraído muitos investimentos e capital. De certa forma, é necessário que os negros se identifiquem com os produtos que irão comprar, especialmente se trazem imagens que possibilitam isso; porém não se deve descartar a ideia de que o mercado se aproveitou deste momento para lucrar com uma discussão em desenvolvimento.

O pensamento capitalista despertou na comunidade científica interesse para refletir sobre a invenção de uma linha de cosméticos com o objetivo de oferecer produtos que faziam o milagre do alisamento, que certamente distanciou ainda mais a mulher negra de seu autorreconhecimento e valorização.

Na contemporaneidade observa-se o mercado capitalista de produção, na área dos cosméticos, ampliar a produção, marketing e comercialização de produtos específicos para cabelos afro, muito impulsionado pelo movimento de resistência de mulheres afrodescendentes em alisar os cabelos.

Prontamente, o regaste da identidade negra, a partir da afirmação estética, tem ganhado amplitude, especialmente por meio da arte. Os meios de comunicação muito colaboram no sentido de soltar literalmente os cabelos, deixando para traz os adereços que os prendiam. Segundo Nascimento, (2004, p. 221).

[...] era urgente uma ação simultânea, dentro e fora do teatro, com vistas à mudança da mentalidade e do comportamento dos artistas, autores, diretores e empresários, mas também entre lideranças e responsáveis pela formação de consciências e opinião pública. Sobretudo, necessitava-se da articulação de ações em favor da coletividade afro-brasileira discriminada no mercado de trabalho, habitação, acesso à educação e saúde, remuneração, enfim, em todos os aspectos da vida na sociedade.

Nascimento (2004), fornece importantes contribuições para entender a relevância da transição capilar como experiência negra feminina, pois, define a beleza do cabelo crespo, muito inferiorizado pela estética dos cabelos lisos. Destaca, também, a forma como lideranças tem responsabilidades sobre a formação da consciência estimulada junto à opinião pública.

É neste contexto, a partir de ações estereotipadas inerente ao cabelo, sendo considerado bom ou ruim que, muitas mulheres, na tentativa de terem a estrutura do cabelo mais próxima do dito cabelo “bom”, ainda aderem às químicas (QUINTÃO, 2013).

Em busca realizada no site Geledés encontramos o registro do projeto Encrespa Piauí: empoderamento e valorização da estética negra¹, que promove anualmente evento com diversas atividades socioculturais, com a finalidade de promover discussões referente a temática afro, através de rodas de conversas e oficinas diversificadas, especialmente sobre aprendizados dos penteados de cabelos crespos. Iniciativa que consideramos importante do ponto de vista do reconhecimento e da valorização do cabelo de mulheres afrodescendentes que buscam através dessas iniciativas encontrar elementos que se somam para sua autoafirmação.

Mediante entrevista, uma das organizadoras do projeto, Amara Brandão, expõe sua satisfação em torno dos resultados, pois para ela, fortalece a autoestima, autoaceitação das pessoas com cabelo crespo e cacheados, reforçando a luta pela valorização da estética negra e o direito à autonomia dos seus corpos.

Amara Brandão ressalta que, buscar por igualdade identitária da mulher negra é valorar através da estética, formas de resistências, resgatando assim a autoestima, visto que, o cabelo abala a autoestima, neste sentido, passar pela transição capilar não é um processo fácil de ser realizado, concerne a um procedimento de escolha e de aceitação, mas que enfrenta estereótipos que excluem etnias diferentes.

Estudo publicado pelo psicólogo Marcos Emanuel Pereira (2002, p. 157), afirma que:

Os estereótipos podem ser caracterizados como artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos.

Desta forma os sentidos negativos que historicamente foram sendo atribuídos aos cabelos crespos e cacheados das mulheres afrodescendentes foram induzindo-as a buscar a transformação capilar em detrimento do processo de aceitação social. Pois os padrões de beleza artísticas que circulavam nos meios de comunicação, até pouco tempo atrás, valorizavam apenas a estética da

¹ Encrespa Piauí: empoderamento e valorização da estética negra (geledes.org.br). Acesso em: 12/11/2025.

mulher branca de cabelo liso. Esse tipo de ocorrência nos conduziu a questionar o que é padrão e beleza?

As palavras “padrão” e “beleza” precisam ser analisadas criticamente, pois representam referências distintas que moldam o entendimento de uma sociedade sobre determinada questão. Ambas remetem a um modelo colonial e à estética europeia amplamente difundida, e que ainda está em curso num processo conhecido como colonialidade.

Segundo Ballestrin (2013), a colonialidade se configurou como o lado obscuro e necessário da modernidade. É a forma dominante de controle dos recursos, trabalho, capital e conhecimento, que são limitados a relação de poder articulada pelo mercado capitalista. Dessa forma, por mais que o colonialismo tenha sido superado, a colonialidade continua presente nas diversas formas e, nos discursos reproduzidos cotidianamente em nossa sociedade. De acordo com Ballestrin (2013), a colonialidade é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser.

Por isso, não se pode aceitar que essas referências de padrão de beleza sejam tomadas como universais, desvalorizando outras formas de beleza — como, por exemplo, o cabelo das mulheres negras e afrodescendentes.

Vale mencionar que nos dias atuais, é notório a insurgência da representatividade de mulheres afrodescendentes por meio do cabelo crespo natural, que em atitude de resistência abandonaram os procedimentos estéticos capilares (química), e enfrentam os desafios quanto ao racismo, que criminaliza e exclui estas mulheres de espaços midiáticos, de poder político, de profissões específicas no mercado de trabalho, dentre outras situações.

4. CABELO CRESPO COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO IDENTITÁRIO DE MULHERES AFRODESCENDENTES

Embora a abolição da escravidão no Brasil tenha acontecido há mais de trezentos anos atrás, ainda é comum pessoas negras sofrerem as mazelas remanescentes desse período truculento da nossa história. Neste percurso o cabelo dos negros/as e afrodescendentes foi sendo criminalizado. Nesta longa trajetória, mulheres negras e afrodescendentes foram construindo consciência frente ao racismo, traduzido na não aceitação dos seus cabelos, foram libertando seus cabelos crespos, valorizando o poder de suas madeixas, de sua ancestralidade negra.

Inicialmente, evidencia-se o renascer individual de cada mulher por sua atitude em se assumir perante a sociedade como afrodescendente, soltando suas madeixas, deixando o

sentimento de liberdade florescer nas curvas dos cabelos caracolados, expressando assim sua identidade genuína e sua forma autêntica de ser, respeitando e valorizando sua ancestralidade negra. No começo dos anos 1980 a música Olhos coloridos², que se popularizou na voz da cantora

Sandra de Sá, enfatiza a temática em questão: “Meu cabelo enrolado; todos querem imitar; eles estão baratinados também querem enrolar [...]”.

Segundo a letra da música é possível compreender pertinente empoderamento no renascer da mulher afro, despertando o desejo de participação e reconhecimento em todas as esferas de seu convívio social, reivindicando a garantia de seus direitos da forma como realmente deve ser destinado a todos os seres humanos. Para Candau (2011, p. 4).

O “empoderamento” tem também uma dimensão coletiva, apoia grupos sociais minoritários, discriminados, marginalizados etc., favorecendo sua organização e participação ativa em movimentos da sociedade civil. As ações afirmativas são estratégias que se situam nesta perspectiva. Visam melhores condições de vida para os grupos marginalizados, a superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e religiosa, assim como das desigualdades sociais.

Nas interpretações que fizemos da canção Olhos coloridos (1980), o cabelo crespo era/é abertamente apresentado como motivação para o racismo, mas que pode ser constatado como característica do povo brasileiro, [...] a verdade é que você (todo brasileiro) tem sangue crioulo. Tem cabelo duro, sarará crioulo [...].

Logo, podemos comungar da ideia que o preconceito ainda faz parte de nossa realidade manifestando-se de diferentes formas, e em muitos casos relacionados a estética capilar. O que corrobora para aprofundar debates sobre o cabelo afro, e como mulheres foram condicionadas pela sociedade, desde muito cedo a negar seu cabelo crespo, não tendo a oportunidade de incorporá-lo como sendo parte da sua própria identidade.

Na dimensão econômica observa-se elevação do consumo dos produtos químicos para alisamento dos cabelos, as mulheres afrodescendentes ficaram suscetíveis ao padrão de beleza dos cabelos lisos de mulheres brancas. O cabelo crespo em discordância do padrão, dificultou o reconhecimento da existência destas mulheres.

Diferentes tipos de produtos foram lançados no mercado para serem consumidos em larga escala, como a invenção do pente quente, para auxiliar no estiramento dos cabelos caracolados tornando-os lisos. Nota-se, dessa forma, a relação que se estabelece entre cabelo liso e sua praticidade refletindo assim uma estética racista no cenário da beleza negra.

² Compositores: Osvaldo Rui Da Costa, Simone Malafaia Frederico De Sa.

Por conseguinte, ao desenvolvimento da indústria de cosméticos para tratamento de cabelos afros, os salões de beleza atraíram inúmeras consumidoras, com o tratamento químico, isto é, o alisamento com uso de produtos químicos para cabelos afros tornarem-se lisos:

Uma invenção maravilhosa! O cabelisador. Alisa o cabelo mais crespo sem dor. Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável. Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo por mais crespo que fosse tornando-o comprido e sedoso? (O Clarim d'Alvorada, n. 16, 1935; *apud*. LOPES, 2002, p. 82).

Este tipo de publicidade ratificava o racismo contra os cabelos crespos, condicionando as mulheres afrodescendentes a aceitar que o procedimento de alisamento dos seus cabelos era critério para que fossem reconhecidas como mulher, detentora de direitos, e capaz de assumir funções destinadas apenas as mulheres brancas de cabelo liso.

Dentro da produção cinematográfica citamos a vida e a história de Madam C.J. Walker³ que retrata a trajetória inspiradora de uma mulher negra que desafiou padrões raciais e de gênero por meio do empreendedorismo. A produção evidencia que “o cabelo pode ser prisão ou liberdade”, mostrando como o cuidado e a valorização do cabelo afro se tornam instrumentos de afirmação da identidade negra. O enredo reforça a importância dessas práticas como formas de conexão afetiva entre pessoas negras, além de representar um meio de superação do racismo e conquista da liberdade financeira.

Na minissérie além de permitir a superação do racismo, e exaltar a liberdade financeira por meio do empreendedorismo liderado por mulheres negras, debate-se as inúmeras formas de atuação que transcendem os limites individuais da existência e se transformam em uma ação política sociocultural.

Assim, o ponto alto da análise, certamente está nos aspectos de identidade negra feminino, perpassando por marcadores sociais de raça, gênero e classe, o que seria a base do protagonismo, sendo a capacidade de tomar atitude que influencia o resultado de uma situação, como da resistência propagando a capacidade de enfrentar e resolver os desafios que surgem, sem esperar que alguém faça algo por si, ou seja, por suas próprias atuações e pelas situações que vivem.

A reflexão que nos parece central é a de que cada mulher afrodescendente, a partir dos danos que a criminalização dos seus cabelos provoca em si, seria capaz de enfrentar individual e coletivamente o desafio da transição capilar, do alisamento ao retorno ao crespo

³ A VIDA e a história de Madam C. J. Walker. Direção: Kasi Lemmons. Produção: Netflix. Estados Unidos, 2020. Minissérie (4 episódios).

Partilhamos da compreensão de que o cabelo da afrodescendente certamente é parte do perfil estético que compreende a identidade negra. Nessa perspectiva a construção identitária ocorreria dentro de certos contextos, mediados pelo argumento sociocultural. Gomes (2008, p. 54) afirma que:

Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos.

Segundo Gomes (2002) os cabelos crespos e o corpo negro são considerados as expressões simbólicas da identidade negra no Brasil, pois juntos eles fomentam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão intrínseca a população negra. Dessa forma, seria através de posicionamento de si e do outro que as pessoas confeririam sentido a si mesmas, que se interpretariam como bonitas ou feias.

Sendo assim, o empoderamento das mulheres negras afrodescendentes, assumindo o cabelo na forma natural é algo transgressor dos padrões estéticos predominantes, pois está ligado a consciência coletiva por parte das mulheres que assumem o cabelo crespo, renunciando os alisamentos químicos ou físicos dos cabelos, que neutraliza suas texturas naturais, garantindo sua liberdade ao voltar ao original.

Assim, para entender o tornar-se negro/a original numa atmosfera de discriminação, seria preciso considerar como essa identidade vem se construindo no plano simbólico, no tocante, aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem e a estética. Segundo Quintão (2013), isso configura importante movimento da valorização do cabelo do negro/a e dos seus traços fenotípicos.

Contudo constatamos várias marcas na história das mulheres negras afrodescendentes como a ideia de inferioridade com a baixa autoestima, mas também os enfrentamentos que valorizam e reconhecem seu próprio poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, falar sobre cabelos crespos e cacheados significa avançar na luta feminista antirracista. A partir dos estudos analisados podemos identificar que a visibilidade das mulheres afrodescendentes nos veículos de comunicação (música, cinema) também tem relação direta com as lutas do movimento negro, como o movimento Black Power que influenciou milhares de mulheres no mundo inteiro a buscar a valorização dos elementos que compõem a sua identidade, a exemplo do cabelo.

A discussão sobre o racismo, e como ele influencia a metamorfose do cabelo afro, embaraça a autoestima, e conseqüentemente, o posicionamento de mulheres afrodescendentes. Nossos achados em diferentes linguagens, nos possibilitaram ilustrar e contradizer o ideal estético dominante da mulher branca de cabelo liso, problematizando a identidade a partir da afirmação do cabelo, como característica étnica de um povo.

O cabelo, que se relaciona diretamente à identidade étnica tem poder de expressar crenças, e o pertencimento a ancestralidade negra. Portanto, o uso do cabelo natural, sem nenhum tipo de tratamento químico para alisamento, estimula as novas gerações a reconhecerem sua ancestralidade negra através da característica do cabelo crespo.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro de colonial. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, n. 11, ago. 2013.

BEUREN, Ilse Maria (org.) et al. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CANDAU, Vera. **Educação em direitos humanos e formação de professores/as. Colóquio Interamericano de Educação e Direitos Humanos**. Buenos Aires, 2011.

CARVALHO, Eliane Paula de. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Paraná.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt**. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura**. 2011.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 1 CD-ROM.

FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; VENTURINI, Anna Carolina. **História da ação afirmativa no Brasil. In: Ação afirmativa: conceito, história e debates**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 65–89.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. Revisão sistemática. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 549–556, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 45–51, set./dez. 2002.

MOUTINHO, Kátia; MEIRA, Luciana; CONTI, Luciana de. **Desenvolvimento e construção narrativa de sentidos de identidade.** In: MOUTINHO, K.; VILLANCHAN-LYRA, P.; SANTA-CLARA, A. (org.). *Novas tendências em Psicologia do Desenvolvimento: teoria, pesquisa e intervenção.* Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. p. 133–158.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

PEREIRA, Marcus Eugênio. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo: EPU, 2002.

QUINTÃO, Adriana Maria Pires. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária.** 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

LISTA DE SITES CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS (ABPN).
Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Disponível em:
<https://abpn.org.br>. Acesso em: 13 dez. 2025.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA.
Geledés – Instituto da Mulher Negra. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br>.
Acesso em: 13 dez. 2025.

MADAM C. J. WALKER.
A vida e a história de Madam C. J. Walker. Disponível em:
<https://www.biography.com/business-leaders/madam-c-j-walker>.
Acesso em: 20 nov.2025.

RIBEIRO, Djamila.

Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em:
<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535932874/pequeno-manual-antirracista>.
Acesso em: 12 jan. 2026.